
Resenha do livro *O internacionalismo vaticano e a nova ordem mundial: a diplomacia pontifícia da guerra fria aos nossos dias* - autora: Anna Carletti

Geraldo Pieroni

Coordenador de Pesquisa, Iniciação Científica e Editoração Científica - Universidade Tuiuti do Paraná

Docente do Programa de Mestrado e Doutorado em Comunicação e Linguagens - Universidade Tuiuti do Paraná

A diplomacia é historicamente um dos mecanismos políticos mais importantes para a definição do Estado. Este procedimento, desde as primeiras Cidades-Estados, na Antiguidade, é colocado em prática pelos governantes.

Os primeiros agentes diplomáticos foram os representantes do Papa junto a Bizâncio. Eram os assim chamados “apocrisiários”, homens de confiança que exerciam um alto cargo diplomático durante a Alta Idade Média. Nos dias de hoje seria o equivalente à função do embaixador ou núncio apostólico. Existiam também os *procuratores in Romanam Curiam*, emissários dos reis europeus junto a Cúria Romana.

A diplomacia moderna, no entanto, pode ser reconhecida, no início do Renascimento, nos Estados italianos setentrionais, os quais estabeleceram as primeiras missões diplomáticas no século XIII.

Alicerçada em uma sólida documentação histórica, a italiana Anna Carletti, doutora em História pela UFRGS, professora adjunta de História das Relações Internacionais na Universidade Federal do Pampa

(UNIPAMPA) e professora colaboradora no PPG - Estudos Estratégicos Internacionais da UFRGS considera a diplomacia da Santa Sé como a primeira diplomacia, a mais antiga de todas.

No seu livro: "O internacionalismo Vaticano e a nova ordem mundial: a diplomacia pontifícia da guerra fria aos nossos dias" (Fundação Alexandre Gusmão, Brasília: 2012), a autora ressalta, de imediato, que embora a diplomacia da Santa Sé já exista há anos, o seu funcionamento e objetivos permanecem desconhecidos aos olhos da maioria das pessoas: "Tal desconhecimento aumenta, às vezes, as fantasias de quem imagina os diplomatas pontifícios como protagonistas de misteriosos e perigosos complôs internacionais". A original novidade da obra é exatamente desmistificar tal concepção por meio da compreensão dos mecanismos postos e das finalidades principais da diplomacia pontifícia.

O seu livro apresenta um apurado estilo literário – claro e acessível – sobretudo quando a autora analisa criticamente a diplomacia de um Estado soberano, desenrolando um emaranhado de elementos e fatores que possam dificultar sua leitura e compreensão.

Pontos importantíssimos foram estudados por Anna Carletti, desde a formação política do Estado da cidade do Vaticano, a sua diplomacia pontifícia,

a evolução histórica da atuação internacional da Santa Sé.

O livro sublinha a importância do mencionado internacionalismo no século XX, passando pelo pontificado de Leão XIII, Pio X, Pio XI e Pio XII, contextualizando este último na conjuntura bipolar da Guerra Fria. O papa João XXIII, com o Concílio Vaticano II gera uma nova ordem internacional mudando as relações diplomáticas em uma direção mais dialógica devido aos novos desafios do mundo contemporâneo, a qual o papa Paulo VI procurou olhar com predileção. João Paulo II é estudado pela autora sob o foco do seu engajamento político internacional. A América Latina e a Teologia da Libertação são pontos que a autora não negligencia, tecendo uma análise cultural contextualizada destas realidades da Igreja.

A diplomacia pontifícia em Carletti é examinada até o pontificado de Bento XVI, cujo governo a autora aponta como diferente do seu predecessor, pois Bento XVI herdou uma Igreja em crise marcada por escândalos financeiros e acusações de pedofilia que enfraqueceram a autoridade moral da instituição católica.

A autora sublinha que "Bento XVI lutou contra o que ele considera um inimigo invisível, mas presente: o relativismo. Mesmo apresentando elementos de continuidade em relação ao seu predecessor, o

pontificado de Bento XVI abandonou a teatralidade dos gestos de João Paulo II, privilegiando tons mais sóbrios, que chamam a atenção mais pelo conteúdo de seus discursos do que pelos gestos do pontífice. O diálogo até discreto com pequenos grupos parece ser a estratégia preferida do papa-professor”.

Enfim, trata-se de uma obra essencial para a compreensão dos caminhos diplomáticos do Vaticano e no decorrer desse trabalho é evidenciado as peculiaridades da ação internacional da Santa Sé, órgão superior de governo da Igreja católica, assim como as orientações da política externa frente aos maiores eventos do século XX.

Carletti publicou o seu livro em 2012, portanto, antes do início do pontificado do atual papa Francisco. Sem dúvida uma nova ordem diplomática

está surgindo com este bem vindo novo Papa o qual nos primeiros dias após a sua pose, proferiu discurso aos diplomatas reunidos no Vaticano, evidenciando com lucidez, o seu empenho contra “a pobreza material e espiritual” e o diálogo com outras religiões, particularmente com o islamismo. Aos representantes dos cerca de 180 países creditados na Santa Sé, o novo Papa não pronunciou uma única vez a palavra guerra e não se aventurou no terreno dos conflitos, mas se definiu “como um construtor de pontes”.

Apreciamos que Anna Carletti continue cronologicamente este seu admirável trabalho, oferecendo à nós leitores, novas perspectivas, novos objetos e novos problemas existentes nas relações diplomáticas do Estado Pontifício. Aguardamos.